

# O ATAQUE BIOMÉTRICO ÀS PESSOAS

MANUEL CURADO

(II Jornadas de Engenharia Biomédica, Universidade do Minho, 19 de Outubro de 2006)

Depois do 11 de Setembro de 2001, um pequeno ramo da indústria e dos serviços começou a aparecer cada vez mais no espaço público. O nome desse ramo é biométrica e pode ser definido como a medida e análise de características da biologia humana. A força com que, nestes últimos anos, o assunto se desenvolveu faz nascer duas ilusões: a de que é muito recente e a de que apenas tem a ver com assuntos sociais, como a liberdade, a segurança e a privacidade.

Muito há a dizer sobre a primeira ilusão. O assunto é mais velho do que parece. João de Barros refere que os Chineses arquivavam impressões das palmas das mãos dos bebés para os distinguirem. No século XIX, Lombroso e outros antropólogos criminais dedicaram-se, de uma forma que hoje nos parece caricata, a coleccionar medidas de traços do rosto humano: a forma de orelhas, queixos, testas, narizes, perfis, etc.

A segunda ilusão é indubitavelmente importante. A biométrica altera o que entendemos por liberdade, por segurança e por privacidade. O pior é que esta alteração é maior do que habitualmente pensamos. O que se segue é a ideia de que este grupo de tecnologias tem um potencial de crescimento tão grande que não apenas ameaça a privacidade como pode alterar a natureza dos seres humanos. Se imaginarmos um mundo em que outras pessoas sabem mais de nós do que nós mesmos, em que outras pessoas podem fazer apostas de baixo risco sobre o nosso próprio comportamento futuro e em que outras pessoas podem fazer nascer estados mentais que sentimos como nossos, o problema da privacidade e do direito associado a essa privacidade torna-se pálido.

O que tenho a dizer é precisamente isso. Não vou perspectivar este assunto do ponto de vista político ou legal. Este desenvolvimento recente de intuições mais antigas é fascinante. Porquê? O perigo enorme destas tecnologias é compensado por outras oportunidades ainda mal compreendidas, a melhor das quais é sabermos mais sobre o que somos. O que na mente humana parece que ainda resiste às nossas teorias é a experiência que temos da nossa individualidade subjectiva. O que quero dizer com isto? Apenas isto: o facto enigmático que alguns quilos de carne como nós sintam alguma coisa, e tenham, até, personalidade.

Algumas tecnologias recentes auxiliam-nos a compreender esta realidade única na ordem natural de um modo surpreendente. Não sabemos o que é a experiência subjectiva, nem por que existe quando poderia não existir, mas, curiosamente, começamos a fazer nascer, fazer apagar e fazer alterações na nossa experiência subjectiva. Esta é uma situação extraordinária: não se sabe o que é, mas sabe-se fazer o que não se sabe o que é. É Sócrates no seu melhor: não se sabe o que é mesmo a coragem, mas sabe-se o que não é e sabe-se ser corajoso.

O interesse do tema está ligado, obviamente, à sua aplicação política. Duas banalidades são suficientes para o que está em causa. A primeira tem a ver com o valor. A riqueza aponta para objectos únicos. É valioso o que está em proporção directa do raro: quanto mais raro, tanto mais valioso. A segunda tem a ver com o poder. É significativo que as estruturas sociais que materializam o poder exijam a uniformidade. Os exércitos têm uniformes porque o domínio sobre a vontade e o comportamento de cada homem de armas exige que a sua individualidade seja controlada e atenuada.

O ataque tecnológico à realidade mais única da ordem natural conhecida, o sentimento de individualidade consciente que cada ser humano tem, é um campo de batalhas futuras. Quem vencer essas batalhas dominará o único assunto importante da vida: o poder. A agenda do poder dos nossos dias inclui uma entrada importante: o ataque ao único.

Um inventário rápido de tecnologias que já existem pode dar-nos uma antevisão interessante de outras que já estão a ser pensadas. Eis uma pequena COLECÇÃO DE SISTEMAS que registam e analisam informação biométrica e comportamental:

bases de dados de registo de comunicações telefónicas; registo de padrões de comportamento de navegação na Internet; registos de actividade financeira e de transacções comerciais, como os movimentos feitos por cartões de débito e de crédito; registos criminais; registos de condução motorizada (deslocação no espaço, velocidade, infracções); registo escolar; arquivos de casos legais; hemerotecas com registos de efemérides no espaço público; registo de obras associadas a propriedade industrial, intelectual e artística; arquivo de imagens de controlo de tráfego; arquivo de imagens de vigilância de espaços públicos; sistemas de reconhecimento de faces; arquivo de impressões digitais; arquivos de identidade; registo de falências; monitorização de comunicação electrónica; registo de redes sociais, i. e., como é que cada pessoa se relaciona com os seus vizinhos e colegas; registo de pequena mercearia; registo de compras que inclui em alguns países até os fármacos; registo de assinaturas de publicações periódicas; registo e análise da íris; registo e análise da retina; registo, análise e

simulação de vozes; técnicas de análise da pele; geometria das mãos; verificação remota da identidade; autenticação contínua (os actuais sistemas de verificação da identidade pessoal tendem a ser construídos como se fossem uma fronteira, isto é, o indivíduo passa um teste numa determinada altura, mas o sistema deixa de verificar se é a mesma pessoa que identificou inicialmente que continua a usar o sistema); inventário de modos individuais de pressionar as teclas de um teclado; análise de padrões vasculares; monitorização electrónica da localização de pessoas; testes de drogas e fármacos; etc. Algumas bases de dados estão no centro de muitos debates contemporâneos e constituem categorias à parte. Pense-se nas muito polémicas bases de dados genéticos e com informação relativa à saúde. Os detentores de cargos públicos, acima de determinado nível de responsabilidade, são automaticamente integrados em bases que registam informação sobre decisores de toda a natureza. Fique claro que a integração não é muitas vezes feita por órgãos nacionais e que não é pedida qualquer autorização às pessoas cuja informação integra essas bases. Mesmo que não se ocupe nenhum cargo público, o comportamento leviano em sistemas telefónicos ou na Internet é suficiente para que as nossas pessoas fiquem com a honra duvidosa de fazer parte de bases de dados que desconhecem.

Nenhuma destas tecnologias é visionária. De facto, algumas delas já são antigas. O indicador biométrico por excelência pode servir de argumento: as impressões digitais. Desde o livro *Fingerprints* de Sir Francis Galton tem-se uma ideia do que significa ser único em termos de impressões digitais. Galton calculou que a probabilidade de um ser humano ter as mesmas impressões digitais de um outro ser humano são de 1 para 64 mil milhões. Já em 1892, os argentinos Eduardo Alvarez e Juan Vucetich conseguiram o primeiro êxito desta técnica ao identificarem a mulher que assassinou os seus dois filhos.

Estas tecnologias têm, porém, um potencial de crescimento ilimitado. Antes de estudarmos grupos de técnicas que alteram radicalmente o significado da individualidade e da subjectividade, é interessante reparar como já na primeira técnica biométrica estão presentes lições importantes sobre o que significa ser único na ordem natural.

Galton mensurou, como se disse, o valor único de uma impressão digital. Tendo em atenção o número de seres humanos que existem na Terra, a relação de Galton significa que cada impressão é única, para todos os efeitos práticos. Práticos, não teóricos. A que se deve esta diferença entre efeitos práticos e alcance teórico? Se existir uma possibilidade de os padrões das impressões digitais variarem infinitamente, algumas variações regionais assemelhar-se-ão mais entre si do que com outras impressões digitais. Nada impede que, no arco das variações, uns seres humanos não tenham qualquer impressão digital ou terem

impressões que formam categorias únicas, isto é, que já não são impressões e são qualquer outra coisa.

Voltando ao cálculo de Galton, 1 para 64 mil milhões parece ser, deste ponto de vista, uma relação mais para o lado do pequeno do que para o lado do grande. Ser único em termos de impressões digitais é, de facto, ser parte de um sistema de relações. O arquivo de impressões tende a esgotar todas as combinações possíveis de padrões digitais. Um número suficientemente grande permite resultados notáveis como a identificação autoral. Um número ainda maior permitirá conjecturas de comportamentos futuros. Por exemplo, suponha-se que certos padrões digitais estão sistematicamente associados a categorias de comportamentos. Isto permitiria fazer previsões sobre comportamentos futuros. Supondo que o indivíduo não sabe nada sobre a associação entre padrões e comportamentos (o conhecimento é oneroso e não tem distribuição gratuita), alguém pode de facto saber um pouco mais sobre o que um indivíduo fará numa determinada situação do que o próprio.

Cada uma das técnicas acima inventariadas possibilita situações semelhantes. A apropriação que cada uma das técnicas faz da subjectividade é relativamente inócua, isto é, parece não ter o alcance suficiente para atemorizar. Ninguém parece ficar seriamente abalado com a possibilidade de alguém ou algum sistema saber mais sobre o indivíduo do que ele mesmo e de poder fazer conjecturas interessantes sobre o comportamento futuro do indivíduo quando o próprio indivíduo não tem nenhuma noção consciente de qual será o seu próprio comportamento futuro.

O problema maior surge no efeito agregado das várias bases de dados. Andamos todos, de um modo geral, distraídos neste assunto, pensando ingenuamente que os detentores de cada uma são depositários em quem se pode confiar. A credulidade não tem fim porque já existe um mercado em que essas bases se comercializam. Existem, aliás, exposições de negócios em que os produtos nesta área da indústria e serviços são publicitados. Os próprios estados comercializam muitos dos seus registos; mais, adquirem nestes mercados informações complementares aos seus registos.

É difícil hoje encontrar uma área da actividade humana em que não aconteça a recolha de informação.

O efeito agregado e os desenvolvimentos que já é possível acompanhar oferecem algumas características interessantes:

a) A individualidade parece ser uma zona opaca ou, pelo menos, de difícil acesso à investigação; a agregação de um grande número de bases de dados que cubram a vida humana tem o efeito de tornar os indivíduos mais transparentes.

b) Esta transparência aumenta também no que concerne ao comportamento futuro; o que cada um fará no futuro é, provavelmente, a zona da nossa inteligência mais opaca; porém, o efeito agregado das bases de dados assemelha-se ao demónio de Laplace, isto é, esgota tendencialmente o que é possível saber sobre uma secção do tempo em ordem a que se façam conjecturas interessantes sobre os futuros do sistema.

c) O acesso a informação privada sobre os indivíduos não é necessariamente passivo. É plausível que a capacidade de aceder a essa informação seja acompanhada pela capacidade de colocar lá outras informações. Obtém-se informação mas também se pode colocar informação onde se deseja. De facto, as tecnologias mencionadas não acrescentam nada de novo ao que já acontece de modo incipiente noutras áreas. As identidades não são objectos sobrenaturais; muitas das que povoam a nossa vida são fruto de artifício: literário, político, económico, psicológico, etc.

## A

O primeiro grupo de tecnologias que oferece grandes possibilidades de desenvolvimento futuro é o das que denomino **TECNOLOGIAS DA FIDELIDADE**. Todas as técnicas de armazenamento e análise de dados biométricos são fiéis por definição. A variação que quero fazer é claramente jamesiana. William James descreveu nos *Principles of Psychology*, de 1890, como o comboio da body story acompanha fielmente o comboio da mind story. Assim, para se obter informação credível sobre a zona mais opaca do mundo que conhecemos, a mente humana, é possível recorrer ao seu vizinho do lado.

A pornografia mais obscena da nossa época não é a do corpo mas a da alma. Esgotaríamos tudo o que há a saber sobre um ser humano se, obviamente, pudéssemos descarregar o *stream of consciousness* de um ser humano num suporte não biológico. Não se pode pensar em nada mais obsceno. Todavia, é fácil pensar nisso, muita gente já pensou nisso (Marvin Minsky, K. Akins, etc.).

Se fosse possível fazer uma *Mind Print* assim como é possível fazer uma *digital print*, uma impressão digital, é certo que o que pensamos sobre a individualidade e a singularidade seria profundamente alterado.

Bem, penso que se pode de facto fazer algo a respeito. A estratégia geral é a mesma das outras técnicas biométricas. Se tudo soubermos sobre um indivíduo, ele torna-se

transparente ao nosso inquérito, incluindo transparência sobre eventos futuros. Controla-se o que pode acontecer pelo inventário exaustivo do que existe.

Nos anos noventa, alguns hospitais do Estado de Nova Iorque fizeram uma base de dados — denominada Neurométrico — com os electroencefalogramas (EEG) de alguns milhares de pessoas escolhidas aleatoriamente. Esta informação pode servir para avaliar as possibilidades de comportamento criminoso. Um indivíduo cujo EEG fosse comparado com os padrões de actividade cerebral armazenados na base de dados poderia, por hipótese, ser considerado uma pessoa pacífica ou, pelo contrário, um homicida em potência. A experiência não visava confirmar nenhuma das equivocadas teorias que um século antes haviam sido defendidas pela escola de antropologia criminal italiana, nomeadamente a teoria do criminoso nato.

A estrutura temporal do Neurométrico é muito interessante. Existe uma base de dados com um grande número de EEGs; o EEG de um indivíduo determinado é comparado com os armazenados na base de dados; posteriormente, é feita uma previsão sobre o comportamento futuro do indivíduo (será um cidadão bem comportado ou será um homicida, por exemplo). A previsão sobre o comportamento futuro é estranha: quando é feita, o comportamento *ainda não* foi realizado. Eventualmente, o próprio indivíduo não sabe se cometerá o homicídio. Está numa situação epistémica em que alguém diferente de si mesmo sabe mais do que ele. Não se pode tomar um enunciado sobre o comportamento futuro do indivíduo como justificação para o submeter a um processo de reeducação social ou para o punir antes do crime ser cometido (apesar da elevada probabilidade de isso acontecer). É justo reconhecer que as certezas sobre o que se pode ou não fazer a este respeito já foram maiores do que são hoje.

Isto é o que existe. O Neurométrico pode ser facilmente transformado na ficção filosófica de um Superneurométrico. Se a base de dados fosse constituída por meia dúzia de EEGs, a previsão sobre o comportamento futuro do indivíduo A seria inaceitável. Um aumento significativo de EEGs armazenados na base de dados aumenta a plausibilidade das previsões. Se os milhares de EEGs que o Neurométrico armazenou forem aumentados para milhões, o Superneurométrico aproximar-se-ia das figuras de super-seres que realizam super-tarefas.

A sequência temporal favorece o caso da acção preventiva. Suponha-se que o Superneurométrico está ligado a um sistema portátil de indução de ataques cardíacos, de indução de desmaios ou de cegueira momentânea. O sistema detecta que o indivíduo alguns microssegundos depois cometerá um crime; o Superneurométrico decide, em consequência,

induzir um ataque cardíaco. As janelas de temporalidade são demasiado breves para que o indivíduo tome consciência de que cometeu ou não cometeu o crime. Para um observador exterior, a celeridade da intervenção do Superneurométrico faz com que não seja percebida qualquer intervenção; o indivíduo *não* comete o crime para o observador externo.

Porém, o que concluir deste tipo de tecnologias?

- a) É factual que existem meios poderosos de recolha de informação sobre os indivíduos.
- b) É factual que a recolha de determinados parâmetros somáticos permite ilações sobre aspectos comportamentais e mentais.
- c) É plausível que as actuais tecnologias migrem para cenários de Superneurométrico.
- d) É defensável, por defeito, que se fossem unidas todas as bases de dados que têm informação sobre cada um de nós, teríamos nesse momento uma antevisão clara do Superneurométrico.
- e) Existe uma desproporção enorme o nível de sofisticação técnica exigido por estas tecnologias e um dos resultados da sua aplicação. Qual é? O sentimento de exclusividade que cada sujeito tem a respeito dos seus estados mentais é atenuado. Assistimos hoje a afirmações estranhas de grupos e de pessoas que reivindicam os seus actos e atentados. Isto é muito estranho, de facto, mas é o lado negro de um património que todos temos por adquirido: o privilégio que alguém tem de ser responsabilizado pelos seus próprios actos. Penso que estamos num momento em que esse privilégio está a acabar rapidamente.

## B

Um segundo grupo de tecnologias mostra como estamos absurdamente próximos de uma situação em que é possível saber coisas que o próprio indivíduo não sabe de si mesmo e nunca poderia saber de si mesmo. Denomino-as **TECNOLOGIAS DO DIRECTÓRIO**.

O projecto Soul Catcher foi proposto por uma das unidades de investigação da British Telecom. O Soul Catcher é constituído por um *microchip* que será implantado algures no percurso do nervo óptico, de modo a monitorizar todos os percursos de informação visual. A monitorização da informação pode alargar-se aos restantes percursos de informação que medeiam o cérebro e o corpo e entre o cérebro e o mundo exterior. Chris Winter, um dos

participantes nessa investigação, afirma de modo muito claro que o objectivo do *microchip* é o de conseguir um registo completo de todos os pensamentos e sensações experimentadas durante o tempo de vida de um indivíduo e, com isso, alcançar uma imortalidade pessoal. A agenda da construção de híbridos homem-máquina, ou ciborgues, não poderia ser mais clara.

O argumento filosófico não depende, obviamente, da exequibilidade da tecnologia do Soul Catcher. Tomando como base de argumentação uma técnica *passada*, mas susceptível de vastos desenvolvimentos futuros, em 1982, Roger Tootell, da Universidade da Califórnia, conseguiu reconstruir as últimas impressões visuais registadas no córtex visual de um animal, utilizando a técnica da autoradiografia. Tootell espalhou um marcador radioactivo no cérebro de um animal no momento em que o animal via um mostrador de luzes que piscavam. Logo de seguida, Tootell dissecou o cérebro do animal e descobriu que os picos dos padrões visuais permaneceram marcados no seu córtex visual.

Se algo tão evanescente quanto a última impressão visual de um ser vivo antes de morrer foi susceptível de *reconstrução técnica parcial*, este evento constitui uma base muito forte para uma extrapolação com elevada plausibilidade. Antes de se chegar à tecnologia Soul Catcher teremos desenvolvimentos das técnicas imagiológicas. Sem extremar o caso, é razoável supor que a reconstrução de impressões subjectivas em módulos cognitivos diferentes da visão é possível em princípio.

Tomando uma outra técnica *contemporânea*, a investigação na área de interfaces cérebro-máquina (BMIs) corrobora a plausibilidade em se conhecer do ponto de vista de terceira pessoa a vida mental dos seres humanos. Um indivíduo com os membros paralisados devido a um acidente na coluna vertebral não tem possibilidade de realizar as suas intenções motoras, por exemplo, a de agarrar uma cadeira. Todavia, continua a ser um indivíduo com vida mental e pode imaginar que se move, como antes do acidente faria.

As tecnologias neuroprotéticas procuram implantar microfibras condutoras e micro circuitos na massa encefálica, nomeadamente no córtex motor. Sempre que algumas dezenas ou centenas de neurónios dessa área cortical são activados por uma intenção, já é possível fazer mover com esses sinais braços mecânicos exteriores ou outros sistemas protéticos.

Para além desta técnica de implantação neuronal de microfibras, existem ainda outras que utilizam os sinais electromiográficos (EMGs), permitindo a manipulação de equipamento electrónico com sinais eléctricos dos músculos, ou os sinais electrooculográficos (EOGs), que são pequeníssimas flutuações de voltagem que surgem quando os olhos mudam de direcção.



Qual o âmago destas tecnologias incipientes e qual o seu interesse para a reflexão sobre a individualidade? Uma intenção, um desejo, um esquema motor, a vontade de fazer algo, etc., são eventos mentais tão evanescentes e intangíveis quanto o sentimento de si mesmo ou a experiência de amargo, do som sol, ou de dureza. A mera possibilidade de fazer accionar sistemas electromecânicos exteriores ao corpo humano com o pensamento (*thought commands*) seria considerada a mais extremada e implausível ficção científica. Como se sabe, esse deixou de ser o caso.

## C

O terceiro grupo é o das **TECNOLOGIAS DE INDUÇÃO** de estados mentais. Como temo que o alcance do que tenho a dizer seja apoucado devido à aparência de futurismo, vou deliberadamente recorrer a uma velha tradição de pensamento europeu. O facto de estas coisas já terem sido pensadas há muitos séculos auxilia-nos a compreender os desafios futuros.

Robert Hooke, o Leonardo da Vinci de Londres, descreveu no século XVII uma época futura em que se saberá como induzir experiências conscientes novas porque se saberá compensar as deficiências dos sentidos naturais com próteses sensoriais. Se os sentidos naturais podem ser auxiliados por próteses, por que razão não poderão ser completamente substituídos? A conjectura de Hooke, como poderia ser denominada, é a de que as experiências conscientes feitas nascer artificialmente podem ser cada vez mais predominantes e, no limite, exclusivas. Esta conjectura não pôde ser formulada durante muito tempo devido à crença na excepcionalidade do ser humano na natureza. Esta crença pressupõe que as experiências conscientes humanas são únicas. Nada na natureza parece rivalizar com a consciência humana. Porém, como as próteses criam experiências conscientes fora da ordem natural, se toda a consciência humana for composta de experiências feitas nascer artificialmente, talvez os seres humanos prefiram as experiências artificiais às naturais. Seja como for, a mera hipótese de a consciência natural ser progressivamente substituída por uma artificial permite compreender o que faz a consciência natural no mundo físico. Dizendo de outro modo: se se entender a consciência humana como algo que pode ser melhorado ou substituído com próteses, os problemas ligados à consciência (subjectividade, identidade pessoal, responsabilidade pelos próprios actos, etc.) serão solucionados. Não há razão em princípio para que toda a consciência não seja prostética e para que os seres humanos não utilizem as formas prostéticas.

Afirma Hooke na *Micrographia*, de 1665, que «a próxima tarefa a ser realizada a respeito dos sentidos é a de remediar as suas debilidades com instrumentos, como se se tratasse de acrescentar órgãos artificiais aos naturais ... e da mesma forma que os óculos melhoraram grandemente a nossa visão, não é improvável que se possam encontrar muitas invenções mecânicas que melhorem os nossos sentidos da audição, do cheiro, do sabor e do tacto».

A importância da sugestão de Hooke deriva da latitude de variação dos sentidos. É precisamente porque os sentidos não têm apenas um grau de acuidade que as próteses podem ser aplicadas como compensação dos sentidos naturais.

Esta ideia de Hooke está igualmente presente noutros autores clássicos. Montaigne, na *Apologia de Raymond Sebond*, lamenta que por vezes os seres humanos fiquem sem dois ou três sentidos e afirma que seria desejável que se inventassem oito ou dez sentidos se quisermos saber mais sobre assuntos elevados como a essência da verdade. Diderot, na *Lettres sur les aveugles*, descreve como o professor de óptica de Cambridge, Nicholas Saunderson, conseguiu encontrar modos prostéticos de compensação da visão que lhe faltava.

Que clássicos como Montaigne, Hooke e Diderot tenham abordado o assunto tão recente das próteses mentais é surpreendente. A interpretação a dar a estas intuições ainda pouco desenvolvidas é esta: a ideia de associar o prostético ao mental tem um alcance vasto.

O universo prostético contemporâneo ainda continua a tentar fazer compensações de insuficiências dos sentidos naturais. Mas não só. Às próteses ópticas e mecânicas do tempo de Hooke, acrescentaram-se fármacos e investigações sobre programação e reprogramação neuronal. O desenvolvimento de técnicas indutoras de estados mentais não naturais deixou de ser um programa para passar a ser uma realidade. Um indivíduo do século XXI experiencia conteúdos fenoménicos que *nunca* no passado foram experienciados. A situação deixou de ser excepcional mas este facto ainda não ocupou o centro do debate intelectual.

À data de 1999, o Hastings Center calculou que três milhões de pessoas vivem com implantes artificiais subcutâneos. À lista de próteses do peito, dos seios, do queixo, do cabelo, dos membros de locomoção, dos dentes, foram acrescentados artefactos prostéticos de membros biónicos, de *pacemakers* cardíacos, hormonais, microbombas de auxílio aos sistemas pulmonar e circulatório, bombas bioquímicas que substituem ou aumentam partes dos sistema nervoso e neuroendócrino, etc. *É improvável que a reconstrução prostética do ser humano não tenha nenhuma consequência na compreensão que temos dos seres humanos.* A

improbabilidade aumenta quando se considera que os conteúdos e estados de consciência são sensíveis a múltiplas influências externas. A independência da consciência em relação à reconstrução próstética do ser humano está em contradição com todo o outro conhecimento científico da natureza. As situações patológicas em que acontece a perda de um membro ou dano à massa encefálica mostram com ênfase a força dessa dependência.

A indução de conteúdos fenoménicos por fármacos, alteração dos padrões de comportamento, tecnologias avançadas, etc., altera os dados deste problema. A indução faz nascer estados mentais. Alguém que controle a tecnologia da indução estará frente aos estados mentais que dela resultam numa posição privilegiada. Um sucessor do programa de Hooke não apenas saberá tudo quanto há a saber sobre os módulos sensoriais e sobre o cérebro, como saberá *fazer nascer*. Saber fazer nascer é uma perfeição ao modo do argumento de S. Anselmo. Quem sabe fazer nascer é um criador e não apenas um conhecedor.

\*

O ataque ao único feito por esta classe de técnicas permite compreender por que razão existem de todo realidades únicas no mundo. O poder exige o domínio do indivíduo; existe tanto mais poder quanto mais forem as realidades únicas que caem sob a alçada do poder. Não se trata da destruição do individual mas da sua apropriação. O poderoso tanto exige o domínio pela uniformidade de muitos indivíduos, quanto se deleita no usufruto de realidades únicas e de acesso difícil: obras de arte, companhia de notáveis, estudo de raridades, etc.

O discurso sobre o exclusivo é um discurso sobre o poder. O tom geral parece ser este: quando sou aquilo que não és, tenho uma vantagem sobre ti.

A generalização desta vantagem fez com que a realidade humana pareça uma vasta colecção de realidades únicas. Ao contrário da maior parte das espécies biológicas, o *homo sapiens sapiens* é uma colecção em que cada elemento é um indivíduo irrepetível. Muitas vezes faz-se o elogio subtil desta situação afirmando que a realidade humana não trata de elementos de um conjunto, nem sequer de indivíduos, mas de uma realidade especial na ordem natural. Apenas a palavra ‘pessoa’ parece adequar-se a este estado de coisas.

Este elogio que as pessoas fazem de si mesmas é muito interessante, no sentido em que é uma construção literária, uma narrativa bonita mas muito provavelmente falsa. De facto, cada ser humano não tem nada de único. O discurso laudatório é tão hipnotizante que impede a visão clara do assunto. Cada ser humano é uma variação de estruturas comuns. Todos temos fígado, personalidade, ossos, sangue, doenças, memória, etc. Nenhum ser humano concreto, isto é, fora da ficção laudatória, tem estruturas irrepetíveis. O grande Aristóteles não tinha

nenhuma estrutura única, nenhuma ‘aristotelite’. Não é *bluff*: paga-se para ver. Dentro de cada estrutura, pode ter variações idiossincráticas; é indubitável. Mas, mesmo nessas variações que parecem irrepetíveis encontra-se a presença irritante de padrões comuns. Cada memória parece ser única, mas quem é que ainda não reparou que a memória que os humanos têm de eventos passados é menos intensa do que a experiência que têm de eventos no tempo presente?

Desde os tempos do estatístico belga Quetelet, sabe-se que há um Homem Médio em todos os parâmetros humanos. Não parece que existam estruturas únicas em cada ser humano; há estruturas comuns e há variações. As variações não são, aliás, muito grandes. Existem limites estruturais à possibilidade de variação infinita. Uma consequência muito interessante desta impossibilidade revela-se no facto de que muitas características que parecem realidades exclusivas ou ‘marcas registadas’ dos seres humanos são mais velhas do que os seres humanos.

Alguns exemplos. A guerra e o conflito são mais velhos do que os seres humanos. A linguagem já existia neste planeta antes de o *homo sapiens sapiens* aparecer. Aspectos bonitos como a cooperação e o altruísmo não são excepção a este panorama. De facto, o exclusivo humano parece residir no refinamento do que já existia antes, mais do que na invenção do novo.

O significado geral dos discursos sobre os seres extraordinários que os humanos são é prospectivo. Mais do que a afirmação factual de que os humanos são realidades únicas, reivindica-se a propriedade de ser uma realidade única. Dizendo de um modo horripilantemente literário: não é tanto que os humanos afirmem que têm uma alma, mas que afirmem que querem ter uma alma.

O discurso laudatório sobre o carácter único de cada ser humano parece apontar mais para aspectos mentais do que para os somáticos. Este pode ser, é claro, um erro de percepção. O que é que pode estar errado? Bem, muitas coisas: pode acontecer que não exista mente alguma; pode acontecer que a diferença entre os corpos seja mais conspícua do que entre as mentes humanas; etc.

O discurso sobre a exclusividade, tal como o discurso sobre o ascendente do mental sobre o material, denuncia uma reclamação de poder, uma tentativa desesperada de escapar à ordem natural.

\*

O que concluir? Bem, tenho apenas uma certeza a respeito da guerra biométrica pelo controlo dos indivíduos. É esta: não vai terminar tão cedo. Este tipo de tecnologias não irá parar porque está ligado ao maior dos motivos do comportamento: a busca do poder.